



## O heterodiscurso em *Memórias de Lázaro*, de Adonias Filho

### The Heterodiscourse in *Memórias de Lázaro*, by Adonias Filho

Fabricio Flores Fernandes

Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina, Piauí / Brasil

fabricioflores@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-6922-2558>

Wellington Vinícius Ferreira de Souza

Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina, Piauí / Brasil

wviniuss@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-0328-1437>

**Resumo:** O presente trabalho estuda o heterodiscurso no romance *Memórias de Lázaro*, do escritor baiano Adonias Filho. Como instrumento de análise, utilizou-se a noção bakhtiniana de heterodiscurso no exame da relação entre o protagonista-narrador Alexandre e a personagem Jerônimo; o estudo indicou a influência dessa personagem como determinante para a estética da narração da obra. A transmissão de discursos mostrou-se fundamental nessa relação sob a forma de um heterodiscurso sobre o mal que não só solidifica o vínculo familiar entre Alexandre e Jerônimo, mas também estabelece o fundamento das condições de legalidade do mal na diegese. Além disso, a construção discursiva de Jerônimo apresentou-se como um heterodiscurso social sobre a zona baiana do cacau de meados do século XX que contrasta com o de outras obras da literatura brasileira ambientadas nesse contexto.

**Palavras-chave:** Adonias Filho; heterodiscurso; *Memórias de Lázaro*.

**Abstract:** This paper studies the heterodiscourse in the novel *Memórias de Lázaro*, by the Bahian writer Adonias Filho. The Bakhtinian notion of heterodiscourse was used as an analytical tool to examine the relationship between the protagonist-narrator Alexandre and the character Jerônimo; the study indicated the influence of this character as determinant for the narrative aesthetics of the novel. The discourse transmission proved to be fundamental in the relationship between Alexandre and Jerônimo functioning under the form of a heterodiscourse about the evil that not only solidifies the family bond between them, but also establishes the foundations of the conditions of evil in the diegesis. In addition, Jerônimo's discursive construction presented itself as a social heterodiscourse about the mid-20th century Bahian Cocoa Zone that contrasts with that of other works of Brazilian literature set in this context.

**Keywords:** Adonias Filho; heterodiscourse; *Memórias de Lázaro*.

## 1 Introdução

*Memórias de Lázaro*, publicado em 1952, de autoria do escritor baiano Adonias Filho, faz parte de uma trilogia de romances<sup>1</sup> que se ambienta na Zona do Cacau, região sul da Bahia de meados do século XX; Ilhéus, Itajuípe e Coaraci são algumas das localidades diretamente citadas. Em prosa repleta de atos hediondos, as memórias do protagonista e narrador, Alexandre, desenvolvem-se em torno da crueldade e da desumanização dos habitantes do Vale do Ouro. O protagonista reconstrói a tragédia de toda a sua vida na região cacauzeira, do nascimento à morte; seu monólogo dá voz a todas as personagens evocadas num drama organizado sob a melancolia de um narrador que não conseguiu superar a morte da amada, Rosália. Em *Apresentação da literatura brasileira*, Litrento (1974) explica que o enredo sombrio em Adonias Filho articula, de modo artisticamente trabalhado, a obsessão do mal e do pecado, uma atmosfera opressiva e intensivo uso de monólogo. A trama de *Memórias de Lázaro* é desenvolvida nesse sentido.

Nativo do mundo do vale, Alexandre (protagonista-narrador) apaixonou-se por Rosália, prometida de Chico Viegas. O protagonista não hesita em clamá-la para si – instigado por Rosália, “– É possível que você tenha de arrancar-me à faca!” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 37) – e o faz ao pretender embate ao rival, porém Chico evita o conflito e aceita desfazer o compromisso com Rosália. Posteriormente, Alexandre confronta o pai da jovem, Felício Santana. Durante o combate físico entre os dois homens, Rosália acaba matando o próprio pai com uma faca e passa a ser alvo da ira do irmão, Roberto. Ao matar Rosália, Roberto intensifica ainda mais o desejo de vingança do protagonista, que já o odiava, pois, de acordo com relato de Rosália, estaria grávida de Roberto, que a estuprou após a cena da morte de Felício. Esses conflitos culminam na morte de Roberto – que até seu último momento nega a acusação de estupro –, seguida da fuga de Alexandre do Vale do Ouro. A narrativa inicia-se após seu retorno ao vale, anos depois. Suas lembranças criam o enredo.

Essa é a síntese do roteiro, a violência faz-se presente em cada um dos momentos decisivos do plano físico da trama, enquanto sua ordenação metafísica é permeada pelas impressões disfóricas do narrador – “Dura, com uma crosta insensível, inimiga de qualquer acolhimento, a terra

---

<sup>1</sup> Demais obras da trilogia: *Os servos da morte*, de 1946, e *Corpo vivo*, de 1962.

[do Vale] marca os que a trabalham com sua dureza, sua insensibilidade, sua aspereza.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 38). Para Alexandre, o Vale do Ouro não surge como local bom ou mesmo inofensivo, a subjetividade da descrição é transpassada por valores negativos –“dura”, “insensível”, “inimiga”, “dureza”, “insensibilidade”, “aspereza” –, ressaltam o mal.

Nesse enredo circunscrito à barbárie, uma importante personagem surge: Jerônimo. Guardião de Alexandre desde a orfandade, é o laço familiar mais próximo do protagonista. Entretanto, a importância de Jerônimo em *Memórias de Lázaro* não se dá apenas por sua proximidade do protagonista-narrador, mas também por sua influência determinante sobre Alexandre, moldando seu discurso e a atmosfera sombria da obra, uma vez que, como lembra Brait (1985), é o narrador que organiza a narrativa, pois ele é a lente sob a qual o mundo ficcional de uma obra é apresentado. A partir da noção de heterodiscurso traçada por Bakhtin (1981, 2015), buscamos mostrar como a influência de Jerônimo sobre Alexandre ocorre na diegese.<sup>2</sup> Benveniste (1991), Todorov (1974), Martins (1989), dentre outros também fundamentam nossa argumentação.

## 2 Alexandre e Jerônimo: transmissão e origem de discursos

Nosso ponto de partida para o estudo desta personagem é a natureza de sua relação vertical com Alexandre, construída pelo posicionamento de Jerônimo como discurso originário da fala do protagonista em relação ao mundo. Essa fala, sendo apreciação axiológica,<sup>3</sup> é um heterodiscurso. De acordo com Bakhtin (2015), heterodiscurso trata-se da disposição paralela e subparalela da língua no mundo, isto é, todas as vozes socioculturais em seus âmbitos histórico e antropológico e materialização das ideias e pontos de vista que essas vozes expressam.

---

<sup>2</sup> A diegese trata-se da dimensão ficcional da obra, de sua realidade própria, distanciando-se do mundo tido como real, externo à obra. (GENETTE, 1972).

<sup>3</sup> Existem diferentes graus de avaliação manifestados no discurso dentro de sua subjetividade de acordo com Todorov (1974). Ao falar de uma estilística da enunciação, o teórico afirma que essa ocupa-se da relação entre os agentes participantes do discurso: locutor, receptor e referente e, quando a ênfase do discurso é no referente, estabelece-se a avaliação axiológica, que trata do valor moral ou estético do mundo e manifesta-se por binômios como bom/mau, belo/feio etc.

No plano ficcional da literatura, o teórico salienta o heterodiscurso como categoria peculiar ao romance que movimenta os temas por meio da linguagem ficcionalizada na obra; o discurso do narrador e das personagens são algumas de suas unidades basilares. O heterodiscurso viabiliza, por exemplo, a apresentação de um determinado tema na diegese e o tratamento desse tema pela especificidade do discurso das personagens. Assim, o exame desse procedimento em *Memórias de Lázaro* auxilia na compreensão da relação criada pelo autor entre Alexandre (protagonista-narrador) e Jerônimo (personagem) e de como isso afeta a economia do romance.

A importância da relação entre esses dois elementos da narrativa já foi apontada por Divino José Pinto (2009) ao entender Jerônimo como “porta-voz de um passado esquecido, porém, fundamental na tessitura de sua [de Alexandre] história, na configuração de sua existência” (PINTO, 2009, p. 5), principalmente devido ao papel do padrinho na retomada da história dos falecidos pais do protagonista. Entretanto, mediante exame do heterodiscurso (BAKHTIN, 2015) na obra, mostraremos como esse aspecto ressaltado por Pinto (2009) funciona dentro de uma organização mais complexa que vai desde a especificidade estilística da relação entre Jerônimo e Alexandre até a caracterização e sentido do espaço ficcional.

Começamos nossa análise a partir do primeiro grande conflito da trama. Após confrontar o pretendente de Rosália, Chico Viegas, e esse abdicar o compromisso, Alexandre decide naquela mesma noite visitar Felício Santana, pai da jovem, último empecilho de sua relação. Na cena da luta entre Alexandre e Felício, Rosália acaba assassinando o pai com uma faca: “Tinha esquecido, Alexandre, que o homem era meu pai” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 53); para evitar que Rosália sofresse algum tipo de punição por parte dos irmãos (Roberto, Henrique e Fernando), o protagonista decide assumir a autoria do crime. Em meio a um temporal, Alexandre abandona a cena do crime e corre para a caverna de Jerônimo, que o acolhe com vestes e um espaço para deitar-se e recuperar-se da febre. Quando percebe a faca suja em posse de Alexandre:

– A quem você matou? – Felício – respondi. – *Nascemos mesmo para matar* – disse. Jerônimo, nesta mesma noite, soube de tudo. Ouviu-me reavivar os acontecimentos *em silêncio* e apenas minha voz ecoava como se a mim próprio estivesse confessando. Fechando os lábios, os olhos ainda cerrados, senti que Jerônimo – e esta foi a primeira e

última vez em toda a vida – *punha a mão na minha testa*. Adormeci, depois. (ADONIAS FILHO, 2007, p. 46-47, grifos nossos).

Com a mesma complacência com que trata a saúde de Alexandre, o padrinho é condescendente com o assassinato, “em silêncio”. A indulgência de ‘nascemos mesmo para matar’ é a mesma expressada pelo narrador em “Se matara o pai para tomar a filha, a filha já me pertencia por conquista [...]. Esse, o raciocínio das criaturas do vale.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 47) e não ocorre por acaso. Jerônimo criou Alexandre desde criança e muitas de suas falas constroem a visão do protagonista, “– Aqui, no vale, os homens são piores que as feras. Humanos, no vale, são os cavalos selvagens.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 12), diz o padrinho. O cuidado e o toque – ‘mão na testa’ – na passagem destacada expõem afeto familiar; para o narrador trata-se do único ser confiável cujo julgamento não pode ser questionado, “acreditem por que Jerônimo não mente.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 20).

O influxo dessa personagem sobre o narrador é explícito na trama, “pela mão de Jerônimo, conheci o vale, sua gente, seu céu, suas árvores. Uma terra em luto, o vale.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 33). Constrói-se o que Bakhtin (2015) chama de transmissão de discursos. Essa transmissão pode variar tanto no âmbito da organização verbo estilística do discurso do outro quanto no seu molde hermenêutico, reinterpretação, reacentuação, chegar à literalidade ou mesmo à distorção caluniosa e paródica. O teórico destaca três modelos sintáticos de transmissão: discurso direto, indireto e direto impessoal.

O discurso direto de Jerônimo em “– Nascemos mesmo para matar –” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 46-47), destacado pela pontuação gráfica (entre travessões), é transmitido sob reacentuação com frequência pelo narrador também em discurso direto. Por exemplo,

Chico Viegas, *eu sabia era um homem do vale*. Como Jerônimo, como Felício, como Gemar Quinto, *não podia*, fugindo à opressão, *evitar que o ódio a si próprio dominasse*. Seria capaz, *como qualquer um de nós*, de rasgar com unhas o meu corpo e limpar na relva as mãos ensangüentadas (ADONIAS FILHO, 2007, p. 38, grifos nossos).

Nessa passagem, a afirmação sobre ser um homem do vale supõe, necessariamente, estar dominado pelo ódio. O substantivo abstrato ‘ódio’,

no entanto, é concretizado e especificado pela ilustração de um ato violento, logo, ser dominado pelo ódio significa ser capaz de ferir, conscientemente, alguém, o uso de ‘corpo’ e ‘sangue’ auxilia para o desenho de uma imagem de agressão física. Além disso, Alexandre não apenas indica a violência do outro, mas também, por meio de comparação, reconhece a perversidade em si mesmo, “como qualquer um de nós” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 38). Uma concessão à barbárie transmitida a Alexandre desde a tenra idade por seu guardião – “sua voz [de Jerônimo] criou a minha [de Alexandre].” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 35).

Enquanto a origem do discurso de Alexandre é clara na diegese por ser frequentemente apontada, o mesmo não ocorre com o de Jerônimo. Tudo o que essa personagem sabe e expressa advém de si mesma, de sua própria experiência no vale. Isso faz de seu discurso um limite entre o romance e o campo extraficcional. Acerca disso, Bakhtin (2015) argumenta sobre a necessidade de uma diretriz determinante voltada para a representação da linguagem no campo da transmissão de discursos alheios ao romance. Isto é, embora o discurso de Jerônimo não encontre origem na diegese, o heterodiscurso social sobre a violência é comum no mundo extraficcional – tudo aquilo que as línguas humanas expressam sobre violência e todas as ideias que pautam o que é expresso sobre isso pelas diferentes vozes sociais. Isso sugere que houve transferência do plano extraficcional para o plano ficcional uma vez que o romance “é um heterodiscurso social artisticamente organizado, às vezes uma diversidade de linguagens e uma dissonância individual” (BAKHTIN, 2015, p. 29). Logo, o heterodiscurso adentra o romance para ser ficcionalizado e materializado em discursos, o que confere dizer que adquire caráter flexível para atender aos objetivos do escritor dentro do enredo pretendido.

Tal ficcionalização demanda a subordinação à representação da linguagem em uma determinada diegese, assim, essa representação precisa encontrar meios de funcionar logicamente dentro do enredo do romance. O resultado disso, em *Memórias de Lázaro*, são assertivas que atribuem a origem do mal ao espaço; é desse modo que a questão da origem do discurso de Jerônimo é resolvida. Esse espaço, por sua vez, é o instrumento central de organização do heterodiscurso social sobre a violência utilizado pelo autor. O mal advém do Vale do Ouro enquanto entidade personificada, “não consigo evitar o domínio que o vale exerce sobre todos” (ADONIAS FILHO,

2007, p. 14), essa é a palavra final sobre a origem da barbárie na diegese. Junto a seus componentes, o espaço é sempre imbuído de expressividade maligna: a estrada é “insensível, acolhe-nos com desprezo, sem bondade.” (ADONIAS FILHO, 2007, p 7) e o canal de lodo é “pegajoso, fétido, apodrecido” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 8).

Alfredo Bosi (1975), em *História concisa da literatura brasileira*, é breve ao discorrer sobre Adonias Filho, mas ressalva que o espaço da zona cacauera ficcionalizada pelo escritor serve de “plataforma para uma incursão na alma primitiva que se confunde com os próprios movimentos da terra. O telúrico, o bárbaro, o primordial como determinantes prévios do destino são os conteúdos que transpõem a prosa elíptica de *Os servos da morte*, *Memórias de Lázaro* e *Corpo vivo*” (BOSI, 1975, p. 480-481). O crítico já sugere a convergência entre espaço sombrio e personagens nessas obras, e indica um papel importante do destino nesses enredos. No presente estudo, indicamos que a noção de destino criada em *Memórias de Lázaro* operacionaliza-se por meio do Vale do Ouro, o destino e o espaço ficcional, na obra, são sinônimos.

A diretriz do discurso extraficcional de resignação à violência torna-se o paradigma do intento de homogeneidade entre a região da zona do Cacau, na Bahia, seus habitantes e suas ações. Esse paradigma organiza a obra numa ordem de espaço ficcional sugestiva do perfil das personagens, culminando em ações tão abjetas quanto o espaço caracterizado – até mesmo o vento é responsável pelo mal no local, “a ele [o vento] costume culpar por tudo o que acontece de violento e triste” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 9). Desse modo, num mundo naturalmente horrendo, apenas ações e pessoas horrendas podem coexistir, as personagens estão destinadas a isso porque ao espaço ficcional é dado o poder de determinar seus destinos nesse sentido. É necessário, porém, lembrar da simultaneidade de linguagens nesse procedimento estético: apesar de haver elaboração de um universo em que a violência é a norma, sua caracterização é sempre repulsiva.

Ainda acerca dessa simultaneidade, o heterodiscurso sobre violência, em *Memórias de Lázaro*, converge com uma perspectiva sobre a região cacauera. Isso pode ser observado na seguinte passagem: “Dura, com uma crosta insensível, inimiga de qualquer acolhimento, a terra marca os que a trabalham com sua dureza, sua insensibilidade, sua aspereza.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 38). O procedimento estilístico da personificação de ‘terra’

arranja os termos de maneira a subverter a noção comum da relação entre trabalhador e terras num contexto de cultivo e exploração. Delineia-se a sugestão de que a terra da Zona do Cacau age sobre os que nela trabalham, e não o contrário. Ou seja, na diversidade de linguagens que compõe um heterodiscurso social, o referido heterodiscurso sobre violência é ao mesmo tempo um heterodiscurso sobre a região.

Tal observação é pertinente, tendo em vista a inversão feita em relação a outros heterodiscursos ficcionalizados sobre a Zona do Cacau na literatura brasileira. O narrador onisciente de *Terras do sem fim*, obra de 1943, do baiano Jorge Amado, por exemplo, parte das lutas pelo poder das terras na região, central no enredo. Logo ao primeiro capítulo, intitulado ‘A terra adubada com sangue’, um navio zarpa do porto da Bahia (Salvador), rumo ao sul, zona cacaeira. Seus passageiros buscam o novo Eldorado: “Agripino Doca dissera-lhe maravilhas de Ilhéus e do cacau e agora ele estava naquele navio, depois de ter passado oito meses na Bahia, a caminho de Ilhéus, onde surgira o cacau e com ele fortunas rápidas” (AMADO, 2008, p. 17). A economia do cacau é modelo de ordem da narração e a lógica concernente a esse modelo é a do homem que explora a terra, transformando-a em riqueza para alguns e pobreza para os demais à medida que a exploração da terra pelo homem, torna-se, ao longo de *Terras do sem fim*, exploração do homem pelo homem. Essa mesma exploração encontra-se ficcionalizada em *Os magros*, de 1961, do também baiano Euclides Neto, cujos capítulos alternam-se para que acompanhem a vida luxuosa de Doutor Jorge, fazendeiro do cacau, em contraste à vida miserável de João – um de seus empregados – e família: “– Quando meu pai tinha um pedaço de terra, tomaram a força.” (EUCLIDES NETO, 2014, p. 82).

Ao personificar constantemente essa região por meio do Vale do Ouro atribuindo-lhe capacidade de domínio de seus habitantes, o discurso direto de Jerônimo sobre o espaço da Zona do Cacau, reacentuado pelo discurso direto do protagonista-narrador, alcança um efeito subversivo do esquema dos narradores de *Terras do sem fim* e de *Os magros*, para falar de uma terra que não é dominada pelo homem, e sim que o domina, o explora e o determina negativamente. Isso, porém, ocorre por meio do drama individual de Alexandre, o que representa um contraste ao drama social das obras de Jorge Amado e de Euclides Neto. O primeiro, circunscrito ao conflito de terras, origem da violência no enredo, e o segundo, circunscrito à miséria que a relação de exploração na economia do cacau gera na trama.

Diante disso, a assertiva de Jerônimo “– Nascemos mesmo para matar –” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 46-47) funciona junto a uma série de outros procedimentos essenciais para a organização do heterodiscurso ficcional de *Memórias de Lázaro* sobre a barbárie na Zona do Cacau: personagens posicionadas individualmente e também metonímicas do coletivo representado pelos habitantes do vale (sempre caracterizados pela depreciação) e atos agressivos específicos (homicídio, parricídio, estupro incestuoso, fratricídio), tornando a crueldade mais expressiva e o espaço como causador dos atos violentos e definidor de personalidades. É nesse sentido que a transmissão do discurso de Jerônimo a Alexandre particulariza a relação dos dois, não só explicitando o caráter vertical de seu elo, mas também fazendo de Jerônimo um influxo de nuances nefastos que moldam o heterodiscurso na narrativa.

### 3 Discurso do mal e subversão do vínculo familiar

A relação familiar com o narrador é espinha dorsal de ordenação da personagem Jerônimo, não só pela participação na infância de Alexandre, mas também por sua ligação com um passado que antecede a vida do narrador, pois é sua memória, em discurso direto, que traz à luz a família não conhecida do jovem. Por sua fala, Alexandre soube algo sobre a avó paterna, o pai Abílio, viu morrer João Cardoso, o avô materno, e Paula, a mãe. A personagem é, portanto, a única ligação do protagonista com seus ascendentes, e a narração sempre assinala isso ao longo da obra; como uma benção “– Vá com os poderes da sorte.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 13, p. 90, p. 124, p. 129) é algo frequentemente dito por Jerônimo.

O passado acerca da família é contado enquanto Alexandre constrói a casa em que viveria com Rosália. A memória de Jerônimo torna-se subsídio para que o narrador compreenda a si mesmo.

*Podia analisar-me e situar em quatro criaturas a origem de tudo: a rameira<sup>4</sup> de Ilhéus [avó paterna], João Cardoso [avô materno], Paula [mãe] e Abílio [pai]. Em mim, o conjunto. Eu seria a consequência daqueles destinos e nada seria mais humano que a vibração dos meus nervos, a angústia do meu sangue, a impulsividade do coração.* (ADONIAS FILHO, 2007, p. 28, grifos nossos).

<sup>4</sup> A avó materna de Alexandre, não nomeada na obra, de fato era prostituta.

O termo ‘criatura’ é comumente usado no romance para referir-se aos animais e aos seres humanos e estabelecer equivalência entre esses elementos, alguns exemplos disso são passagens como “[...] Este, o raciocínio das criaturas do vale” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 47) e “[o cachorro] como se não fosse uma criatura viva” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 52). Seu uso na citação em destaque retoma esse atributo. O encadeamento do metafísico e do físico é efetivado na combinação dos vocábulos ‘vibração’, ‘angústia’, ‘impulsividade’ e ‘nervos’ ‘sangue’, ‘coração’, respectivamente, para discorrer acerca das emoções turbulentas de Alexandre. A retomada de sua gênese pauta a autoconsciência na compreensão de si mesmo como tempestuoso, angustiado e impulsivo. Tal compreensão, por sua vez, é subordinada à memória de Jerônimo, portanto, essa personagem traz consigo implicações diretas à identidade do narrador.

As palavras de Jerônimo, como em liturgia, são sempre respeitadas, “[...] lembrei-me de Jerônimo. Sem ele, sentia-me mutilado. Não sabia raciocinar com precisão. Não conseguia ao menos reunir as ideias soltas.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 64). É de Jerônimo a tradição da experiência no vale, sua voz é verdade unívoca. É por sua fala que o narrador aceita somente uma possibilidade de curso da vida no vale. Jerônimo, em discurso direto, narra o passado do Vale do Ouro – a família de Alexandre –, sua figura poderia ser confundida com o arquétipo do sábio que orienta a respeito da vida, não fosse sua influência estritamente áspera. Sem preocupar-se em romper com a lógica do vale, não retoma o passado para compor algo edificante, pelo contrário, sua postura é de continuidade.

Sua rememoração preza pela decadência; a símile com Valentim, de *A bagaceira* – romance de 1928, escrito pelo paraibano José Américo de Almeida – é prudente para observação do contraste nessas criações ficcionais de personagens imbuídos de tradição. Valentim é pai de uma das principais agentes do roteiro, Soledade, e traz consigo a tradição da vida de retirante por ter experienciado as dificuldades de várias secas do Nordeste ao longo dos anos, um exemplo disso está na passagem “Valentim Pedreira contou uma história que tem sido reproduzida, nos ciclos mortais da seca, por milhares de bocas famintas” (ALMEIDA, 2004, p. 24). A despeito da fome, do árduo processo de êxodo de muitas famílias, da luta por alimento – até mesmo canibalismo –, da degradação da fauna e da flora decorrente da seca, o sublinhado acerca dos retirantes é sua capacidade de sobrevivência diante

de um cenário injusto ilustrada no trecho “– Sertanejo não sabe chorar. É o que tocar à sorte” (ALMEIDA, 2004, p. 26), diz Valentim. O reconhecido por seu comovido interlocutor, Lúcio, ao ouvir a história é “– Meu velho, você é um santo-herói” (ALMEIDA, 2004, p. 25). Valentim preza, em suas histórias, por valores como a honestidade e a perseverança. Durante a grande seca de 1877, “– Fiquei na estica. Mas, com a vontade de Deus, não pedi nem roubei, todo meu pessoal na cacunda e até conta de gente que era mesmo que ser minha” (ALMEIDA, 2004, p. 25). Isso se sucede também em outros episódios, como sua luta contra Quincão em defesa da honra da neta de Brandão de Batalaia – “não bula com moça donzela, senão encontra toco” (ALMEIDA, 2004, p. 38).

Comparemos assim a rememoração em Valentim Pedrosa e em Jerônimo, em que a sobrevivência dá lugar à decadência; a ausência de sobreviventes na família de Alexandre impossibilita o resgate de figuras destemidas e corajosas, principalmente considerando as causas dos óbitos: o pai, Abílio, faleceu ao cair bêbado no canal de lodo do vale; o avô materno, João Cardoso, foi soterrado quando sua casa desabou durante uma tempestade; a mãe, Paula, cuja saúde debilitada, no roteiro, desumanizou-a antes mesmo de sua morte, “repulsiva para mim [Jerônimo], repulsiva também para quem quer que a conhecesse”(ADONIAS FILHO, 2007, p. 26), faleceu três meses após o nascimento de Alexandre; não se sabe o paradeiro da avó paterna.

Na rememoração de Abílio, João Cardoso e Paula feita por Jerônimo não há glória, há apenas espaço para a fatalidade. Não há demonstração de compaixão ao apresentar o cadáver de Abílio a seu filho, tudo é áspero, Jerônimo apenas afirma: “É seu pai.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 32). Não há consideração pela condição enferma de Paula, “repulsiva para mim” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 26). Existe apenas o voto de alguém que vê um mundo corrompido diante de si e resigna-se à sua ordem.

Não obstante, a construção de Jerônimo consegue ir além da tradição e do passado, e isso ocorre exclusivamente pela confiabilidade a ele atribuída pelo narrador, “Jerônimo, o seu filho [do vale]. Ele explicava a gravidez de Rosália, os cavalos bravios, os nervos selvagens, as pontas de pedra que rasgavam o vértice das montanhas. Ele explicaria, também, a morte de Gemar Quinto.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 77). O poder dessa personagem não está apenas sobre o passado – representado nas sentenças

referentes aos ‘cavalos’, ‘nervos’ e ‘pedra’ e ‘montanhas’ do vale –, mas também sobre o presente – a situação de Rosália ainda viva nesse ponto do enredo – e o futuro – a morte de Gemar Quinto,<sup>5</sup> prestes a acontecer no ponto específico da rememoração ao qual pertence o fragmento destacado.

Sobre Alexandre, o discurso de Jerônimo recai de modo consciente:

Jerônimo, naquela época, *era mais que o pai*. Fora ele quem desde o início da consciência, desde a formação dos sentimentos, *pusera em mim a sombra da sua alma primitiva*. Associada *ao vento que no vale é eterno*, quase integrada nas *paredes e pedras*, o eco fazendo vibrar as cavidades da caverna, *sua voz criou a minha*.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 35, grifos nossos).

Seu papel na gênese de Alexandre é frisado, e a metáfora com o termo ‘sombra’ delinea a verticalidade da relação dos dois. A associação da voz de Jerônimo ao ‘vento’ trata-se de um arranjo mais complexo por demandar a compreensão do vento dentro da diegese. Para entender o valor desse uso, é necessário observar a elaboração do espaço ficcional, o Vale do Ouro, a partir do foco narrativo. Sua personificação é comum na obra e ocorre por meio do uso de palavras de significado afetivo,<sup>6</sup> “tortura a planície [...], forte e constante, quase agreste, a ele [o vento] [...]violento e triste” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 9). ‘Forte’ e ‘constante’ assinalam o sofrimento infundável – tendo em vista o verbo ‘torturar’, noção hiperbólica do horror. O vento, enquanto característico do espaço, mantém estética nociva, assim como significação de agente do mal.

Tendo isso em vista, convém lembrar Benveniste (1991) quando discorre sobre a construção do sentido enquanto competência de uma unidade linguística em assimilar uma unidade de nível superior. Isso confere

<sup>5</sup> Gemar Quinto sofria de hanseníase.

<sup>6</sup> “São aquelas cujo lexema exprime emoção, sentimento, um estado psíquico. O lexema pode receber vogal temática, desinência ou afixo que o atualize como substantivo, adjetivo, verbo ou advérbio, podendo assim haver cognatos emotivos de várias classes de palavras lexicais. Sirvam de exemplo as séries: amor, amar, amoroso, ódio, odiar, odioso, odiento, odiosamente [...]” (MARTINS, 1989, p. 79). A teórica parte das reflexões de Tzvetan Todorov acerca da estilística do enunciado e estilística da enunciação, aplicando-as à Língua Portuguesa. Os exemplos dados traçam apenas uma noção dessas palavras, isto é, o que define de fato as palavras de significado afetivo é o seu uso, junto aos efeitos estilísticos desse uso.

dizer que um determinado elemento está circunscrito às coalizões nas quais pode exercer sua função linguística. Seu significado é determinado por sua relação com os demais elementos, assim, ao associar a voz de Jerônimo ao vento do vale, o enunciado de Alexandre reconstrói o sentido diegético específico que esse elemento já possui nessa narrativa. Tal associação, por sua vez, sugere a influência do padrinho sobre Alexandre como transmissora do mal. Presente em todos os âmbitos da vida do narrador – “Até conhecer Rosália, o mundo fácil, sem abismos, inteiramente dominado pela presença de Jerônimo.” (ADONIAS FILHO, 2007 p. 35) –, Jerônimo está nas “paredes e pedras” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 35), “era mais que o pai” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 35) e, finalmente, no próprio protagonista “sua voz criou a minha.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 35). Ademais, “[o vento] participava tanto do meu corpo quanto o próprio sangue.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 32).

A elaboração de Jerônimo no discurso direto do protagonista-narrador é formada pela autoridade da tradição e por seu papel na história de Alexandre. E, nesse processo, a transmissão do discurso de resignação ao mal constitui propósito de solidificação de um vínculo familiar. Diante do parricídio de Rosália e do fratricídio de Roberto, essa transmissão em *Memórias de Lázaro* apresenta-se como subversão dos laços de sangue, esses, mais de uma vez no enredo, mostram-se insuficientes para a manutenção da vida no vale.

#### 4 Estilização híbrida em Alexandre

A imagem mais forte de Abílio na memória de Alexandre é a de um cadáver – o protagonista lembra de, quando criança, ver o corpo de seu pai estendido no chão. Não há uma narrativa elaboradora da identidade de seu pai que trace sua humanização, e tudo depende da rememoração de Jerônimo. O canal de lodo desperta a narração dessa morte, é quando pela primeira vez no enredo, toca-se no assunto:<sup>7</sup> “– O Vale do Ouro tem aqui o seu fim. Foi ali, no canal, que o finado Abílio, encontrou a morte.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 19). Isso faz do canal de lodo um espaço funesto e é o ponto de

---

<sup>7</sup> Já adulto, construindo a casa para desposar Rosália, Alexandre estranha a iniciativa de Jerônimo: “Aproximando-se de Jerônimo, que pela primeira vez se referia tão livremente a meu pai.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 20).

partida da elaboração da personalidade do pai, Jerônimo refere-se primeiro à morte de Abílio para então discorrer sobre sua vivência no vale – o contato com Paula –, fazendo com que a morte seja o primeiro aspecto a ser elevado. A história dessa personalidade parte da lembrança da cena do cadáver de Abílio, um movimento circular iniciado e finalizado pelo signo do mórbido.

Na passagem destacada, Abílio faleceu ao cair no canal, a abjeção dá-se por conta da lembrança de infância despertada em Alexandre, o cadáver retalhado coberto por uma lona: “sabia, porém, que os braços e as pernas, o tórax e o ventre estavam mutilados” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 20). O corpo retalhado volta a aparecer ao fim da narração, mas apenas suas pernas fraturadas são citadas “quebrara as pernas na queda e breve talvez tenha sido a sua agonia” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 32). O termo ‘agonia’ poderia sugerir uma elipse narrativa, mas é impossível, pois nada se sabe sobre o momento exato do acidente. Em lugar disso, esse substantivo abstrato apenas indica hipótese e frisa certa empatia por parte de Alexandre.

Em seus aspectos formais, a narração das personalidades de Abílio e Paula precisa ser observada com mais cuidado. Jerônimo narra a chegada de Abílio ao vale, o contato com João Cardoso, pai de Paula, a gravidez dessa, até o dia em que Alexandre nasceu. Após isso, Jerônimo não discorre mais sobre os pais do protagonista, nada mais é dito e os detalhes da morte de Abílio e Paula passam a ser imaginados por Alexandre num tipo de continuidade da memória de Jerônimo. “Mas, e já que sentia ser impossível arrancar de Jerônimo novas palavras, idealizava por minha própria conta o absurdo período da infância que não tardaria a aceitar como certo” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 29).

Esse momento imaginativo é indicado por Pinto (2009) como a solidificação do tom especulativo de toda a narrativa de Alexandre, isto é, sua composição por meio de questões não resolvidas, “um labirinto de uma memória rica, problemática e, poeticamente, sugestiva, a um só tempo.” (PINTO, 2009, p. 7). Considerando o enredo, isso de fato é concretizado: não se sabe muito sobre a avó paterna, sobre o momento exato da morte do pai Abílio, sobre os últimos meses da mãe Paula ou mesmo sobre a veracidade do relato de Rosália ao afirmar ter sido estuprada; Alexandre é incapaz de conseguir resposta definitiva acerca desses temas.

Porém, a análise do aspecto formal do momento de integração entre a memória de Jerônimo e a imaginação de Alexandre revela ainda mais

acerca da observação feita por Pinto (2009), pois tal imaginação toma como embasamento o estilo da memória ouvida resultando em uma hibridização no discurso do protagonista-narrador na refacção do passado de seus pais.

Mas, [Abílio] riscando o isqueiro de chifre, acendendo finalmente a lamparina, reviu o rosto de Paula. *Espantoso*, o rosto dessa mulher, os *músculos retesados* tudo dominavam, os olhos brilhantes, a críspação da boca que se rasgava numa espécie de *sorriso hediondo*. Dominado por uma *piedade imprevista*, Abílio debruçou-se e, *sem conseguir reprimir o pavor*, sentiu perfeitamente o suor do corpo que o atingia (ADONIAS FILHO, 2007, p. 30, grifos nossos).

Essa passagem trata do que Bakhtin (2015) chama de construção híbrida, um enunciado que pertence a um falante – neste caso, Alexandre –, mas que é composto por dois enunciados, dois modos discursivos, dois estilos e universos semânticos e axiológicos. Entre esses enunciados não há um limite formal, é comum que um mesmo vocábulo ou expressão pertença simultaneamente a dois horizontes semânticos, o que resulta na convergência de dois sentidos heterodiscursivos.

Essa dupla dicção e duplo estilo ocorrem pelo modelo sintático de transmissão de discurso direto. O campo lexical desse discurso de Alexandre (‘espantoso’, ‘músculos retesados’, ‘hediondo’, ‘pavor’) é coerente ao do discurso de Jerônimo sobre o mesmo tema, que também reduz Paula à sua condição de enferma por meio de expressões como ‘braço doente’, ‘olhar vazio’, ‘vagava como uma finada’, ‘corpo enfermo’ (Cf. ADONIAS FILHO, 2007, p. 26). Até mesmo a condição enferma (hanseníase) da personagem Gemar Quinto é utilizada como recurso estético no discurso direto de Jerônimo para a criação de Paula, “repulsiva para mim, repulsiva também para quem quer que a conhecesse, repulsiva talvez para o próprio Gemar Quinto” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 26), auxiliando no uso da morbidez como componente principal da mãe de Alexandre no enredo. Nesse sentido, a solidificação do tom especulativo da narrativa de *Memórias de Lázaro*, apontada por Pinto (2009) como consequência da junção entre memória e imaginação em certo ponto da trama, é também mais um elemento estilístico formado pela relação de Jerônimo e Alexandre.

A estilização afirmativa da depreciação de Paula na cena imaginada na passagem em destaque é também um discurso alheio dissimulado no enunciado de Alexandre, compondo assim seu duplo horizonte: a perspectiva

de quem viveu a disforia narrada e a perspectiva de quem não a viveu, mas busca nessa disforia algo sobre si. De modo análogo, é possível retomar Bakhtin (1981) quando discute sobre personagens dostoiévskianas, afirmando que “de seu passado recordam apenas aquilo que para eles continua sendo presente e é vivido como presente: o pecado não redimido, o crime e a ofensa não perdoados” (BAKHTIN, 1981, p. 23). Em Alexandre, as imagens do passado nascem como decadência do momento presente, isso vai desde a lembrança mais forte sobre o pai – um cadáver sob uma lona – até a melancolia e a não superação da morte de Rosália, que desperta as memórias que compõem o enredo do romance.

De volta à construção híbrida, o narrador apropria-se de uma memória para recriá-la, imbuindo-a da coerência do discurso de Jerônimo: o cuidado de Abílio com a esposa, o estado enfermo físico e mental de Paula – “O homem impotente diante do sofrimento da mulher que arquejava.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 31), o efeito destrutivo da perda da esposa sobre Abílio, sua degradação, deixando Alexandre aos cuidados de Jerônimo, dada à condição do pai – até mesmo a causa da morte de Paula é mais bem especificada nesse jogo imaginativo, “Abílio não sabia, mas era tétano” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 31) – e, finalmente, a imagem do cadáver retalhado no canal de lodo.

O hibridismo da narrativa de Paula e Abílio, composto da memória de Jerônimo e da imaginação de Alexandre, resulta na junção da consciência de ambos, sob uma mesma lente, acerca da origem do protagonista. A organização das sentenças de Alexandre, quando narra o que imagina ter sido a vida de seus pais, é sintomática do supracitado discurso de Jerônimo. A imaginação estabelece uma relação de continuidade, e esse elo traz implicações formais ao texto, especificamente, a predominância de apreciações axiológicas de caráter negativo na diegese.

## **5 Fundamento das condições de legalidade do mal no Vale do Ouro**

Ao saber que Rosália foi violentada por Roberto e poderia estar grávida do irmão, a ira de Jerônimo torna-se aparente junto a seu juízo da necessidade de um ato de violência:

– *Espere*, Alexandre, *espere* para ver se há realmente um filho. – *E se o filho nascer?* – indaguei, de súbito, sem refletir. – *Espere*, Alexandre, *espere* – ele repetiu. – Mas, se o filho nascer, é preciso que você o mate, que você obrigue o pai a comer a carne como os urubus comem a carniça dos bezerros. *Espere*, porém, Alexandre. (ADONIAS FILHO, 2007, p. 65, grifos nossos).

Ouvido de modo passivo por Alexandre, Jerônimo instiga o ato de vingança em posição de conselheiro. A verticalidade da relação manifesta-se na passagem ao organizar a frase interrogativa de Alexandre em contraste às assertivas feitas por imperativos nos verbos de Jerônimo, que instruem acerca do que deve ser feito agora – ‘espere’ – e o que deve ser feito após o nascimento da criança – ‘mate’ e ‘obrigue’. A orientação da personagem evoca o grotesco pelo assassinato e traz consigo imagens de canibalismo, fazendo da referência paterna de Jerônimo sobre Alexandre um canal de mensagem atroz. Comparações animais ressalvam a desumanização da criança, fruto do estupro e do incesto, e de seu pai, “como os urubus comem a carniça dos bezerros.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 65).

A ideia de punição de um ato bárbaro por meio de outro da mesma natureza extrapola a noção de justiça e segue em direção à vingança: “– O mundo agora é pequeno para você e Roberto” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 81). No embate contra o irmão da jovem, as intenções de Alexandre são bem claras, “devia torturar, forçar o caminho da verdade na dor física e, se não falasse [confessasse que estuprou Rosália], arrancar a língua [de Roberto], jogá-la na cova aberta para que Rosália a sentisse palpitante no calor da sua putrefação.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 117). Apesar do abandono da justiça no vale, as implicações da vingança nessas personagens indicam que nelas constroem-se noções peculiares de certo e errado – o ato de Roberto é representado como algo condenável. Portanto, a despeito da diegese erigida enquanto mundo bestial naturalizante do dano físico ao corpo do outro, não há aniquilamento total da existência e de todos os valores, e sim redirecionamento deles sob uma organização peculiar.

Acerca disso, um olhar análogo entre o julgamento do crime de Roberto e o julgamento do Vale do Ouro sobre as ações de Alexandre traz certo esclarecimento. O segundo assassinato do roteiro é o de Rosália, Alexandre a encontra enforcada em casa e supõe suicídio – posteriormente, Roberto assume a autoria do crime. A partir da manhã seguinte ao episódio

do corpo enforcado, Alexandre não é visto por dias. A busca de Jerônimo causa curiosidade no vale – os moradores já estão informados sobre a morte de Rosália e suspeitam do protagonista-narrador. Após encontrá-lo desacordado, Jerônimo leva-o para a caverna, trata-o e, com o retorno de sua consciência, adverte-o:

[...] o vale começa a ver em você uma ameaça. Alexandre. Matasse e exibisse a faca, ele respeitaria. Enforcasse e mostrasse a corda, ele não se preocuparia. Andasse na estrada com as mãos ensanguentadas, ele se conservaria indiferente. Mas você, Alexandre, saiu como o leproso, rastejando, acovardado, vencido pela fome e pela sede. Para o vale, você reapareceu como *um doente*, um *doente que mata*, e isso é uma ameaça. (ADONIAS FILHO, 2007, p. 87, grifos nossos).

Para analisar o discurso de Jerônimo nesse fragmento, tomemos, mesmo que sob deliberada redução, uma reflexão de René Girard (1990) acerca da ordem cultural. Para o teórico, essa ordem seria um sistema ordenado de diferenças em que cada supressão de diferenças ameaça a preservação da cultura. Supondo o Vale do Ouro enquanto ordem cultural, notamos a nuance do rompimento de sua estrutura no momento em que o vale atribui a Alexandre os assassinatos de Felício e Rosália, “para o vale, você matara o pai e a filha” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 87). Dada essa possibilidade como verdadeira, os assassinatos, no imaginário do vale, subverteriam a ordem de luta pela conquista da mulher – pois a mulher também foi morta –, do mesmo modo que há julgamento negativo do estupro cometido por Roberto. Isto é, o protagonista é visto como alguém que rompe a ordem vigente e, portanto, é uma ameaça – isso é acentuado no plano expressivo pela comparação à nocividade da representação de Gemar Quinto e sua hanseníase, “saiu como um leproso” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 87). Na lógica do vale é necessário reconhecer-se violento e mostrar-se como tal, a barbárie precisa ser consciente, como ilustrado na passagem “Matasse e exibisse a faca, ele [o vale] respeitaria.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 87).

Jerônimo, em sua experiência de vida, é conhecedor da tradição do vale e adverte o narrador acerca da ruptura simbólica da ordem cultural e de suas possíveis consequências, “De um leproso, o vale foge. Mas a um doente de sua doença, o vale arrebenta a pedradas” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 87). Esse é o primeiro momento do romance em que a sanidade de

Alexandre é posta em questão por uma personagem que não ele mesmo. Isso é posterior ao questionamento também feito acerca da sanidade de Abílio e cria o efeito indicador de uma possível condição psicológica hereditária que permanece apenas no plano sugestivo, não há confirmação no romance. No entanto, esse tipo de alusão é suficiente para estabelecer um paralelo entre violência consciente (matar para conseguir a esposa ou por vingança, ambos discursos legalizados simbolicamente no vale) e violência inconsciente (matar como consequência de um estado psicológico débil).

Um cenário em que a violência é aceitável é traçado; o âmbito consciente seria associado à noção de honra ou à vingança e busca fazer a violência servir a uma racionalidade interessada em uma suposta justiça: punir Roberto pelo crime, por exemplo. No entanto, essa violência não está delineada como meio além de si mesma, não há uma finalidade que não seja a própria violência, isto é, encontra-se distante do ideário de justiça de dano e reparo; isento dessa finalidade superior, não é racional.

A violência contra Roberto, a despeito de revestir-se de antagonista do crime, permanece incutida de valores negativos e culmina em abjeção: a ideia do nascimento do filho de Rosália resultar no subsequente assassinato de Roberto e da própria criança. Após a morte de Roberto, seus irmãos carregam o corpo pelo vale, informando a todos que Alexandre é o assassino. Jerônimo adverte no trecho “Você, Alexandre, é um homem condenado! [...] Já cortam as trevas da forca.” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 121). A atitude do vale é a mesma de Alexandre e Jerônimo em relação a Roberto.

Essa organização singular indica a personagem Jerônimo como local de concepção do fundamento das leis simbólicas da violência no Vale do Ouro no enredo, ele expõe a Alexandre essas leis. Cada ato de violência fundamenta-se num discurso que busca justificá-lo, não há aproximação de um ideário de justiça que preze pela superação do mal diante dos crimes cometidos, em vez disso, há o movimento em direção à destruição que não visa construção, essa é a violência norteadora de cada ato agressivo da trama.

Contudo, um argumento ainda é necessário – a vingança, a honra, o casamento etc. Na elaboração da personagem foco de nossa reflexão, descobrimos que o ato de violência só é condenável no vale quando se encontra isento de narrativas. Alexandre não narra para o vale o que ocorreu e é tido como doente mental, uma ameaça. Em consonância, Rosália mata Felício por impulso, “Tinha esquecido, Alexandre, que o homem era meu

pai” (ADONIAS FILHO, 2007, p. 53). Impossibilitada de construir uma narrativa arquetípica comum – pois nenhum ato impulsivo é admissível em *Memórias de Lázaro* –, é necessária uma nova narração dos fatos para os irmãos: Alexandre desejava Rosália, seu pai a negou, então Alexandre o mata para tomar a jovem para si. Desse modo, a existência de uma narrativa que expresse atos violentos conscientes mostra-se como condição para a legalidade do mal no Vale do Ouro e é por meio da personagem Jerônimo que o fundamento dessa condição é construído no romance.

## 6 Conclusão

A este trabalho interessou uma obra regionalista ambientada na zona baiana do cacau em meados do século XX. Partimos do estudo da personagem Jerônimo para analisar a estética da narrativa de *Memórias de Lázaro*, obra de 1952, de Adonias Filho. Para tanto, lançamos mão da categoria analítica bakhtiniana do heterodiscurso, seus modos de construção no romance em pauta e efeitos estilísticos.

Na análise feita, foi constatada que a relação entre Jerônimo e o protagonista-narrador, Alexandre, é determinante para a estilística da obra. Tanto no âmbito expressivo da construção de uma visão decadente sobre o mundo e sobre si mesmo quanto na tessitura de uma concepção sobre as condições de legalidade da barbárie na diegese e manutenção da ordem vigente – continuidade das relações violentas na região, ao invés de ruptura.

A transmissão de discursos apresentou-se como procedimento fundamental da relação de Alexandre e Jerônimo. Os enunciados do protagonista-narrador, que primam pela resignação ao mal, mostraram-se como compostos híbridos devido à sua assimilação constante de enunciados de Jerônimo; sempre no sentido de reacentuação, o discurso do padrinho nunca é contraposto. Por sua vez, a origem do discurso de Jerônimo é elaborada pela ficcionalização de um heterodiscurso social sobre a região cacauera da Bahia que, no romance, efetiva-se por meio de seu espaço ficcional, o Vale do Ouro. Na diversidade de linguagens que compõe esse heterodiscurso constataram-se os discursos da violência como modo de lidar com os conflitos e como força que domina todos que estão inseridos no contexto da economia do cacau de meados do século XX.

A caracterização da referida violência dá-se de modo repulsivo e ocorre por meio de dramas individuais no romance em contraste ao que

ocorre em obras distintas como *Terras do sem fim*, de Jorge Amado, cujo heterodiscurso sobre a região ressalta a barbárie na economia do cacau como resultado do drama social da exploração dos trabalhadores e das lutas por terras travadas por famílias abastadas; ou mesmo como em Euclides Neto que, em *Os magros*, de 1961, salienta o papel determinante da economia do cacau na manutenção da miséria da classe trabalhadora.

O heterodiscurso de *Memórias de Lázaro* cria um distanciamento que dissolve contradições sociais e apresenta as personagens como igualmente afetadas pela deterioração das relações humanas na Zona do Cacau. Não são construídas como vítimas da fome, da exploração de sua força de trabalho, do conflito por terras, mas sim como vítimas de sua própria passionalidade. Cada evento do enredo é motivado por violência, do desejo matrimonial de Alexandre, no início da obra, ao desejo de vingança, no final. E tudo isso é narrado sob uma perspectiva que atribui caráter negativo a cada ação hedionda enquanto reconhece que, naquele espaço, o mal é inevitável.

## Referências

- ADONIAS FILHO. *Memórias de Lázaro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. 37. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1991.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.
- EUCLIDES NETO. *Os magros*. 4. ed. Bahia: EDUFBA, 2014.
- GENETTE, Gérard. *Figuras III*. Espanha: Editorial Lumen, 1972.

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

LITRENTO, Oliveiros. *Apresentação de literatura brasileira*: Tomo I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora: Forense-Universidade, 1974.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*: expressividade na Língua Portuguesa. São Paulo: T. A. Queiroz: Edusp, 1989.

PINTO, Divino José. Memórias de Lázaro, de Adonias Filho: uma escrita romanesca de devaneios líricos. *Revista de Literatura, História e Memória: Literatura e Cultura na América Latina*, Cascavel, v. 5, n. 5, p. 25-36, 2009. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/2098> Acesso em: 16 dez. 2020.

TODOROV, Tzvetan. *Dicionário das Ciências da Linguagem*. São Paulo: Dom Quixote, 1974.

Recebido em: 9 de junho 2020.

Aprovado em: 5 de outubro de 2020.